

Racismo Contra Negros: sutileza e persistência

Racism Against Black People: subtlety and persistence

El Racismo Contra los Negros: la sutileza y la persistencia

Le Racisme Envers les Noirs : subtilité et persistance

Sylvia da Silveira Nunes ★
 sylviasnunes@yahoo.com.br

Resumo

O racismo contra negros é um fenômeno complexo e multideterminado. A compreensão da dimensão psicológica das falas sobre racismo se inter cruza com o campo de investigação da Psicologia Política, uma vez que são as relações de poder que hierarquizam o conceito de raça que subjaz ao racismo. O objetivo deste trabalho foi analisar as falas de estudantes universitários sobre o racismo no Brasil. Para tal, entrevistas aprofundadas foram realizadas. As hipóteses da pesquisa seriam encontrar falas racistas e não racistas. No entanto, a análise das entrevistas mostrou que o posicionamento não racista foi raro. As categorias elaboradas foram sobre: a sutileza do racismo; as brincadeiras racistas; a culpabilização da vítima; as cotas raciais; e, finalmente, a falsa neutralidade na abordagem do tema. Porém, foi possível também estudar a admissão do próprio racismo – atitude essa que aponta para o diálogo possível sobre o tema, de modo a mobilizar mudanças.

Palavras-chave

Raça, Racismo, Preconceito racial, Negro, Psicologia Política.

Abstract

Racism against black people is a complex and multidetermined phenomenon. The understanding of the psychological dimension of speech concerning racism intersects with the research field of Political Psychology, once they are relations of power that hierarchize the concept of race that underlie racism. The aim of this study was to analyze the speech of college students about

★ Psicóloga pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” e mestre e doutora pela Universidade de São Paulo. É docente da Universidade Federal de Itajubá, Itajubá, MG, Brasil.

Nunes, Sylvia da Silveira. (2014). Racismo Contra Negros: sutileza e persistência. *Psicologia Política*, 14(29), 101-121.

racism in Brazil. To achieve that, in-depth interviews were conducted. Hypotheses were developed in order to spot racist and non-racist speech. However, the analysis of the interviews showed that non-racist positioning was rare. The categories elaborated were: the subtlety of racism; racist jokes; blaming the victim; racial quotas; and finally, false neutrality in approaching the subject. However, it was also possible to study the admission of self racism – an attitude that points to the possible dialogue on the subject, in order to mobilize changes.

Keywords

Race, Racism, Racial prejudice, Black people, Political Psychology.

Resumen

El racismo contra los negros es un fenómeno complejo y multideterminado. La comprensión de la dimensión psicológica de los discursos acerca del racismo se cruza con el campo de investigación de la Psicología Política, una vez que son relaciones de poder que jerarquizan el concepto de raza que subyace al racismo. El objetivo de este estudio fue analizar el discurso de los estudiantes universitarios sobre el racismo en Brasil. Con este fin, se realizaron entrevistas en profundidad. Las hipótesis fueron desarrolladas con el fin de encontrar discursos racistas y no-racistas. Sin embargo, el análisis de las entrevistas mostró que el posicionamiento no-racista fue raro. Las categorías fueron elaboradas en: la sutileza del racismo; chistes racistas; culpar la víctima; cuotas raciales; y finalmente, falsa neutralidad en abordar el tema. No obstante, también fue posible estudiar la admisión de racismo propio – una actitud que apunta el posible diálogo sobre el tema, a fin de movilizar el cambio.

Palabras clave

Raza, Racismo, Prejuicio racial, Negro, Psicología Política.

Résumé

Le racisme envers les noirs est un phénomène complexe et multidimensionnel. La compréhension de la dimension psychologique de la parole concernant le racisme est en relation avec le champ d'étude de la psychologie politique car ce sont les relations de pouvoir qui hiérarchisent les concepts de race subjacents au racisme. L'objectif de cette étude était d'analyser le discours d'étudiants universitaires à propos du racisme au Brésil. Pour cela, des entrevues en profondeur ont été menées. Par hypothèse, l'étude rencontrerait des allocutions racistes et non-racistes. Cependant, l'analyse des entretiens a montré que la position non-raciste était rare. Les catégories ont été établies sur : la subtilité du racisme ; les blagues racistes ; le blâme de la victime ; les quotas raciaux ; et, enfin, la fausse neutralité en abordant ce thème. Cependant, il était également possible d'étudier l'aveu du racisme lui-même – une attitude qui pointe vers un possible dialogue à ce sujet, afin de mobiliser le changement.

Mots clés

Race, Racisme, Préjugés raciaux, Noir, Psychologie Politique.

Introdução¹

Nos últimos anos, as universidades públicas brasileiras têm sido palco privilegiado de debates e disputas em relação a democratização da sociedade, o que inclui a questão das cotas raciais e sociais. Isso trouxe especificidades importantes para a compreensão dos discursos sobre raça, racismo e preconceito racial. O objetivo deste estudo foi o de compreender como se caracterizam, hoje em dia, as falas de estudantes universitários sobre o racismo contra negros.

Essa investigação se insere no campo interdisciplinar da psicologia política uma vez que as questões raciais, enquanto um problema social e identitário, estão apoiadas no terreno das relações de poder, do mesmo modo que oferecem amplo campo de investigação para a psicologia, já que a constituição subjetiva em uma sociedade racializada como a nossa e com um marcante passado escravocrata é marcada pelas relações raciais e pelo racismo. Nesse sentido, Silva (2012:422) ao analisar os 13 anos de produção da Revista Psicologia Política afirma que um dos temas que tem sido alvo de debate na revista são “[...] *questões relativas ao preconceito e às diferentes formas de racismos e xenofobias* [...]”.

Assim, vale a pena lembrar que raça é um conceito que tem sido questionado por diversos pesquisadores de diferentes áreas, há décadas. De fato, não é possível delimitar grupos humanos marcados por diferenças biológicas a ponto de configurar raças. Entretanto, tal concepção secular de hierarquização humana continua presente nas relações sociais.

Raça é aqui utilizada não como categoria divisória entre grupos humanos marcada pela hereditariedade e semelhança física, mas abordada como conceito remanescente dessa visão, que ainda é orientadora da realidade. Isto é, não se trata de conceito respaldado pela ciência, mas sobrevivente nas relações cotidianas concretas.

A Pesquisa

Com o objetivo de estudar a fala de estudantes universitários sobre o racismo, 11 alunos do primeiro ano do curso de Letras² da Universidade de São Paulo foram entrevistados. Após responderem um questionário sobre preconceito sutil e flagrante contra negros³, os alunos foram convidados a participarem da entrevista sobre o tema racismo contra negros. Cerca de 120 alunos foram convidados, em suas salas de aula, para a entrevista. Apenas 13 aceitaram o convite. Duas entrevistas foram perdidas por problemas técnicos com o gravador.

As entrevistas foram realizadas em dois momentos: 2007 e 2009. As entrevistas tiveram caráter semiestruturado, foram gravadas e transcritas. O roteiro da entrevista teve duas

¹ Agradeço meu orientador de doutorado José Leon Crochík pelo apoio imprescindível para a escrita da tese e minha amiga e especialista em estudo das relações raciais Lia Vainer Schucman. Sem a participação desses dois exímios pesquisadores esse artigo não seria possível.

² O curso de Letras foi escolhido por duas razões:
1) o número de ingressantes é alto, o que possibilitaria facilidade e acessibilidade aos sujeitos;
2) a faculdade que o curso está vinculado (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) tem debates e produções teóricas sobre ações afirmativas.

³ A aplicação e análise dos questionários fizeram parte da tese de doutorado da autora, intitulada “Racismo contra negros: um estudo sobre preconceito sutil”. Mas não serão discutidos nesse artigo, devido aos limites do mesmo.

questões: Qual é a sua cor/raça? Da sua experiência de vida, como foi a sua relação com os negros?⁴. Além disso, três situações foram apresentadas ao entrevistado. As situações estão no quadro 1.

Quadro 1 – Situações apresentadas nas entrevistas realizadas

Situação 1	Uma pessoa é contra as cotas para negros em universidades porque acredita que um negro roubará injustamente a vaga de seu filho em uma boa universidade.
Situação 2	Em um debate sobre política antirracista, uma pessoa do público diz aos palestrantes: eu não sou racista, tenho até uns amigos mais morenos, mas o problema são esses negros que não se aceitam.
Situação 3 (2007)	Em uma clínica particular, uma fisioterapeuta disse que não atende pacientes negros porque tem o direito de não gostar de negro.
Situação 4 (2009)	Duas pessoas conversando em um bar, uma delas pergunta: Por que você acha que a maioria das empregadas domésticas é negra, nas novelas? A outra responde: porque são pobres.

Primeiramente, foi realizada a identificação cor/raça do participante, por meio de autodefinição, através da pergunta: “Qual é a sua cor/raça⁵”? A forma como os participantes se identificaram foram: branco (5), amarela (1), parda (2), mestiço (1), morena (1), preta (1). Dos 11 sujeitos, nove eram do sexo feminino e dois, do masculino.

Em seguida, o participante foi convidado a falar livremente a partir de duas perguntas geradoras sobre a convivência com negros (exceção feita à entrevistada identificada como “preta”, para quem foi questionado sobre o convívio com os brancos) e racismo no Brasil. As dúvidas que foram surgindo foram esclarecidas no decorrer da entrevista.

Posteriormente, as situações supracitadas foram apresentadas ao entrevistado. As duas primeiras situações foram apresentadas na 1ª e 2ª fases da pesquisa. No entanto, a terceira situação utilizada na pesquisa de 2007, por tratar-se de uma fala de racismo explícito, foi retirada e substituída, em 2009, pela situação 4, que aborda o tema raça e classe. Tais situações tinham por objetivo estimular a fala do entrevistado. Alguns participantes falaram com mais espontaneidade sobre o tema; nesse caso, as situações não foram apresentadas, por não haver necessidade.

A análise dos dados contou com diversas leituras das entrevistas transcritas. A partir dessas leituras, agrupamos as falas comuns ou próximas. Com o objetivo de organizar categorias, primeiramente, dividimos as falas entre racistas e antirracistas – pois nossa hipótese inicial, era encontrar falas racistas e não racistas. No entanto, um exame mais apurado das falas nos mostrou que o posicionamento não racista foi raro.

⁴ Para os que se identificaram como negros, a pergunta foi: “Da sua experiência de vida, como foi sua relação com os brancos?”.

⁵ “Cor/raça” foi utilizada na pergunta por considerarmos que a noção de raça, embora trata-se de um conceito nativo (Guimarães, 2003), não tem substrato em si mesmo e precisa ser analisado juntamente com o contexto social que o engendra. Além disso, partimos do pressuposto que a cor da pele forma juntamente com outros traços do rosto e cabelo um conjunto de quesitos que influenciam na identificação racial.

A autoidentificação e idade de cada entrevistado é apresentado em nota de rodapé. Todos os nomes são fictícios.

Organizamos a análise das entrevistas nas seguintes categorias:

- (1) A sutileza do racismo (ou racista é o outro – um outro genérico);
- (2) Brincadeiras racistas (ou racista é o outro – um outro próximo);
- (3) O dedo apontado para o negro (ou racista é o negro);
- (4) Raça e classe (ou racistas são as cotas);
- (5) Pseudoneutralidade (ou eu não sou racista); e, finalmente,
- (6) Admissão do próprio racismo (ou eu sou racista).

A análise das categorias foi feita a partir das reflexões de vários autores que trabalham, sobretudo, com temas como preconceito e racismo, tais como Guimarães (2002; 2003), Munanga (1998; 2004a; 2004b), Crochik (2006), Horkheimer e Adorno (1969/1986), dentre outros.

A Sutileza do Racismo (Ou Racista é o Outro – um Outro Genérico)

Nesta primeira categoria, temos falas que descrevem situações de discriminação racial de forma sutil em que o racismo é percebido pelo entrevistado na fala, pensamento e ações de outras pessoas – que não ele mesmo. O racismo aqui é apontado no outro, mas trata-se, de modo geral, de um outro genérico, distante. Em sua maioria, nessa categoria, os entrevistados falam do racismo na sociedade, ou lembram situações observadas em ônibus, nas ruas; fazem referências a novelas, filmes, palestras, histórias contadas por terceiros etc.

Diante de situações explícitas de discriminação (situação 3 apresentada no quadro 1) trazidas pela entrevistadora ou outros relatos lembrados pelos próprios entrevistados, há um posicionamento geral contra a manifestação aberta do racismo. Porém, quando se trata da expressão sutil do racismo, há dúvidas, entre os entrevistados, se é ou não discriminação racial. Colaborando para a ideia que no Brasil muitas atitudes racistas são interpretadas como “mal entendido”, Adriana⁶, conta duas situações como essa:

[Como é que você acha que dá para perceber o racismo?] *Ah, não sei assim... Por exemplo, meu namorado, ele é... ele não é negro. Mas ele é mestiço. A mãe dele é e o pai dele não é. Então, assim, às vezes, acontece uma situação. Faz muito tempo e a gente foi numa balada e... deixou várias pessoas passarem para uma área lá que era vip, e deixou as pessoas que estavam com a gente e tal e não deixou ele, e justamente sabe... Então, assim, você fica pensando: por que que é, entendeu? Não sei se realmente é por isso. Mas não deixou ele, justamente, sabe.* (Adriana)

Logo em seguida, Adriana relata outro exemplo:

Por exemplo, o caso de uma amiga, que ela tinha um namorado. Ela tinha, acho, que 15 anos. E o namorado dela... a mãe dela não gostava que ela namorava ele... Só que assim, não tinha nenhuma razão, assim, que pudesse justificar isso, sabe? Tanto que a outra irmã... ela falava que era por causa da idade dela, só que a outra irmã começou a namorar com 13 anos, entendeu? Não faz sentido... dela não gostar mesmo... Mas, assim,

⁶ Adriana se identificou como parda e tinha 19 anos no momento da entrevista.

you cannot affirm that it is because of this, because she did not declare it, did you?
(Adriana)

Os dois relatos de Adriana são dados em resposta à pergunta sobre quando ela percebe o racismo. Mas ela não consegue afirmar se foi ou não racismo. Ela fica em dúvida. Desconfia do racismo, mas não consegue “capturá-lo” como algo concreto. Interessante notar, também, que Adriana fala da discriminação racial sofrida pelo namorado que não é negro, mas mestiço. Ao contar essa situação emblemática, ela ilustra algo importante do racismo no Brasil: não só o negro é discriminado. Os mestiços, que podem ser considerados negros em uma determinada situação, também podem passar pelo mesmo tipo de restrição e tratamento que passam os negros. Tudo com sutileza. Mas ao mesmo tempo, claro, como ela mesma nota, a questão está na falta de argumentos: a razão para a mãe não deixar a filha namorar é infundada, porque a outra filha podia; na boate, todos puderam passar para ala “vip”, menos o namorado de Adriana, que ela chama de “mestiço” e que tem uma mãe negra. Vale lembrar que no reino da sutileza é mais difícil lutar contra o preconceito.

Vários entrevistados relataram cenas vistas dentro do ônibus, identificadas como racismo, como mostra o relato de Aline⁷:

[...] às vezes, no ônibus, aqui, eu já vi alguns casos bem... tipo, entra um negro e todo mundo segura a bolsa. Ou, então, está com a mochila e põe a mochila na frente e fica olhando, meio que... “ele vai me assaltar”. Aqui, eu achei isso bem mais comum que no interior. Acho que pela violência ser maior, não sei. Mas, eu já vi algumas vezes aqui, com bem mais frequência. (Aline)

Aline percebe a tensão que existe dentro do ônibus, o que ela chama de racismo, porque sente que as pessoas têm medo de ser assaltadas por negros. Em outro momento, Aline comenta outra manifestação de racismo por meio da situação de um namoro entre uma moça negra e um branco que foi impedido pela não aceitação da família:

[...] por exemplo, uma amiga minha, negra, que namorava um cara que era branco. Então, quando ela foi conhecer a família dele, a família ficou meio... é negra, né, sei lá, acho que eles não tinham pensando nisso. Às vezes, planejaram outra coisa para o filho. Não sei, mas ela falou que a família ficou meio hostil com a presença dela ali, e ficou aquele clima assim, durante o jantar e tal, mas estava acontecendo, né, a gente tem que aprender a lidar com isso porque o preconceito está aí e você tem que... bola pra frente, arrumar uma pessoa melhor! [risos] [E no caso dela, ela desistiu do moço?] Ah, o namoro acabou não dando certo, né, porque quando a família implica muito, é difícil você conseguir num comezinho de namoro fazer dar certo. Talvez, se eles tivessem namorado mais tempo, tivessem se conhecido melhor, talvez o namoro tivesse dado certo. Mas, com tanta implicância da família, acabou não... durou uns seis, sete meses, só. Namoro bem curto. (Aline)

Ao relatar o preconceito de uma família branca com uma nova namorada negra de um dos seus integrantes, Aline o justifica dizendo que a família poderia ter “planejado outra coisa” para o rapaz. Não está nos planos de uma família branca alguém negro entrando na família

⁷ Aline se identificou como branca e tinha 20 anos no momento da entrevista.

por meio de um namoro. Essa percepção sutil é expressa como uma forma de racismo. Interessante também o comentário de Aline de que é preciso saber lidar com o preconceito; o que no caso, significaria “arrumar uma pessoa melhor”. Assim, ao negro é fadado aceitar quem o aceite.

Muitas pesquisas⁸ investigam essa nova forma de racismo, frequentemente chamada de racismo sutil. O discurso social de tolerância, juntamente com várias ações no mundo inteiro nessa direção inibem a manifestação aberta do racismo. Porém, a conscientização das más consequências deste não é suficiente para acabar com ele, pois o racismo sutil se caracteriza por não ser direto e por não estar relacionada claramente com o conceito de raça, mas... “[...] *se encubre bajo signos de comunicación no verbal, bajo prácticas racistas simbólicas abstractas, no tiene por qué aplicarse directamente al grupo objeto del racismo, sino mediante múltiples vías indirectas [...]*” (Pérez & Dasi, 1996:205).

Em uma sociedade abertamente racista, a discriminação não costuma apresentar ambiguidades. No entanto, em uma sociedade democrática, as ideias racistas estão em conflito com as normas não racistas da democracia. O racismo sutil existe provavelmente porque os países que se dizem democráticos já têm uma norma antirracista clara. A característica central desse tipo de preconceito está descrita nas palavras de Pettigrew e Meertens (1995:58): “*Blatant prejudice is hot, close and direct. Subtle prejudice is cool, distant, and indirect*”.

Brincadeiras Racistas (Ou Eacista é o Outro – um Outro Próximo)

Nesta categoria, o racismo é, de novo, apontado no outro, mas é um outro próximo, isto, é trata-se de ocorrências na família e com amigos mais íntimos. É nesse contexto que se pode “brincar” com o racismo, dentro das relações intersubjetivas mais próximas, como mostra Gisele⁹:

[E você acha que tem racismo, no Brasil?] *Ah, com certeza. Acredito que sim. Eu fui criada em uma família, em tese, assim, racista, porque desde criança, que eu escuto piadas de negros... pai policial, então... Aquelas piadas de: “Negro só anda de carro quando é preso”... Piadinhas assim. Mas é sempre com humor, o preconceito, lá em casa. Então, nunca teve nada de mais proibição. Tanto que os nossos melhores amigos, meus e dos meus irmãos, são negros. Mas quando eles estão em casa, ninguém faz as piadinhas.* (Gisele)

O preconceito na casa de Gisele é pela via do humor. O pai, por meio de piadas, indica para ela que sua família é racista. No entanto, tais comentários racistas não são feitos na frente dos amigos negros. A brincadeira racista permite a convivência com pessoas negras e com o racismo sutil ao mesmo tempo.

Em um estudo sobre insultos raciais, Guimarães (2002) notou que muitos negros recebem xingamentos referentes à sexualidade ou animalização, como vagabunda, galinha, macaco. Vale lembrar que o insulto é uma forma de evidenciar a hierarquia e “sabotar” qualquer tentativa de tratamento igualitário. No entanto, esses insultos quando assumem a forma da

⁸ Ver Pettigrew e Meertens (1995); Pérez e Dasi (1996); Espelt e col. (2006); Lima e Vala (2004); Galeão-Silva (2007); Barreto (2008).

⁹ Gisele se identificou como branca e tinha 23 anos no momento da entrevista.

brincadeira perdem qualquer possibilidade de discussão ou de denúncia de racismo, já que brincar permite o jogo da humilhação sem que ele esteja claramente declarado.

Ana Paula¹⁰ também aponta desde o começo da entrevista as “piadinhas” como forma de expressão do racismo. Ela também relata essas piadas dentro de sua família. E explica que não tem ascendência negra, mas que, em sua família, muitas pessoas se casaram com negros.

Porque a minha família é totalmente isso. É muito misturada. Tem pessoas, assim, que me veem e uma prima minha e olha: não é sua parente, porque não tem nada a ver, assim, sabe. Mas eu adoro, não tem nem um... [Não tem nenhum problema?] Ah, tem muita piadinha, né. Às vezes, me incomoda. Eu que não sou negra. [risos] Mas, me incomoda, sabe, porque eu acho que não tem necessidade. Eu acho que machuca, às vezes, sabe, então, ficam aquelas piadinhas bestas, às vezes, com criança mesmo. Eu acho que, às vezes, até reforça o preconceito. (Ana Paula)

O fato de ser branca e ter uma família “misturada” é contado por Ana Paula como prova de não racismo. Entretanto, logo nas primeiras frases sobre o tema, diz que mesmo não sendo negra, se incomoda com as piadas na família. Em sua visão, parece que o fato de ser branca deveria deixá-la imune ao incômodo trazido pela piada racista. Diferente de Adriana, Ana Paula percebe a seriedade da piada e sua consequência de reforçar o preconceito. Esse é um dos poucos momentos da entrevista em que ela nota o racismo de brancos contra negros, pois sua fala está mais voltada em notar o racismo dos negros contra si próprios. Na próxima citação, que é sequência da anterior, Ana Paula relata o que sente da relação de um tio branco e uma prima negra:

Tipo, eu tenho uma priminha, que ela tem, acho que é, dois anos, acho que é, agora, não sei. Ai, fica, vai, meu tio pega ela e fica: eh, neguinha do cabelo duro e não sei o quê e fica zoando sabe. E a criança ouve, cresce ouvindo aquilo, vai enraizar o preconceito. Uma menina dessa quando crescer vai falar: ah, meu cabelo é ruim, meu cabelo é não sei o quê, sabe. Então, eu acho errado, eu não gosto, não, dessas piadinhas assim. E tem muita piada, muita brincadeira, sabe? Eu não gosto. Eu não vejo a menor graça. [E quando seu tio faz...] Sei lá, eu acho que toda brincadeira tem um fundinho de verdade. Eu acho que ele pode estar brincando ali e tal, mas no fundo ele tem um certo preconceito, sabe, de achar mesmo que ele é superior, porque o cabelo dele não é daquele jeito, sabe? Porque eu acho assim, você não vai zoar uma coisa que você acha que é. Porque ninguém se zoa. Se eu tiver o cabelo enrolado, eu não vou ficar: hahaha, você tem um cabelo enrolado. Então, eu acho que é assim, uma coisa: ah, eu estou acima, sabe, por mais que seja inconsciente, assim. Eu nunca vi discriminando ela, de não querer que ela faça alguma coisa. Ela é bem tratada na casa dele. Tem grudinho e tal, sabe, assim. Mas sei lá, eu acho que é meio que uma... um pensamento assim que os brancos são superiores, por isso que brinca, porque senão, não tinha por que zoar se achasse que é igual, sabe? (Ana Paula)

Ana Paula mostra no relato sobre o tio branco e a prima negra, que o racismo ocorre em uma relação de proximidade e afeto. Ou seja, não é que a discriminação envolva exclusão nas relações, mas a entrevistada percebe que a brincadeira denuncia um “certo preconceito”

¹⁰ Ana Paula se identificou como branca e tinha 18 anos no momento da entrevista.

porque existe um “fundinho de verdade” e, com isso, afirma o sentimento de superioridade do tio pelo fato de ser branco. No entanto, tal percepção clara do racismo não faz com que Ana Paula compreenda as dificuldades vividas pelo negro e todo e qualquer desejo de embranquecer deste é uma acusação que ela faz de racismo dos negros pela falta de autoaceitação. As falas nesse sentido serão apresentadas na próxima categoria.

O Dedo Apontado para o Negro (Ou Racista é o Negro)

O racismo do negro contra si mesmo foi apontado como algo recorrente. Mas, de alguma forma, a presente categoria vai além de constatar a introjeção do racismo pelo negro, uma vez que se trata de um problema social. Aqui, a fala dos entrevistados é no sentido de responsabilizar os negros pelas difíceis situações que ainda passam.

Ao falar de racismo, inicialmente, Ana Paula tem uma fala sobre rótulos: “*Sempre têm os rótulos, assim, né? Sempre tem, acho... [Rótulos?] Ah, eu acho que são rótulos né? Nem só de... quanto à etnia, mas tudo na nossa vida, a gente é rotulado, né, tipo, de qualquer forma assim.*”. Em seguida, Ana Paula, ao responder sobre a existência do racismo, acusa os negros de racismo:

[Você acha que tem racismo no Brasil?] *Ah, com certeza. Eu acho que sim e bastante, assim. Tipo, só que eu acho que também não é só dos brancos. Acho que, muitas vezes, parte dos próprios negros, assim, sabe, deles se discriminarem ou se aproveitarem desse racismo pra deixar de lutar muitas vezes por muita coisa. Eu falo inclusive por causa da minha família. Sabe, às vezes... Não todos, mas acho que tem muitas pessoas que têm isso: ah, eu sou negro, eu não consigo as coisas, para negro é mais difícil, tal, tal, tal. Mas sei lá, eu não sei se é. Sabe, acho que é difícil pra todo mundo, não tem isso. (Ana Paula)*

Embora os rótulos sejam apontados por Ana Paula como algo ruim, ela mesma rotula os negros por sua autodiscriminação e por “deixarem de lutar”. Questionada sobre a existência do racismo no Brasil, ela rapidamente defende que o racismo não é só da parte dos brancos. A convivência com negros em sua família é apontada como a “prova” do que está dizendo. Ao final dessa passagem, quando diz que acha que é difícil para todos, não só para os negros, ela está negando a existência do racismo contra negros. Os negros estariam, então, em sua visão, tendo as mesmas possibilidades que os brancos. Então, é o fato de “não lutarem” e de se autodiscriminarem que justifica as dificuldades enfrentadas pelo negro.

Ana Paula questiona a definição de negro: “*E outra também, tem muito assim, o que é ser negro, né? Tem pessoas, ah, é morena, é mulata, é indígena, é não sei o quê... Eu não sei falar, sabe, se é negro ou não é*”. Aqui, Ana Paula aborda a dificuldade de definição do negro, mas em seguida, lembra de uma situação que viveu:

No ano passado, que eu estava na escola, né, terceiro ano ou no segundo, não lembro... aí, teve um questionário do MEC, né. Chegou lá: você se considera branco, preto, pardo, amarelo, não sei o quê, não sei o quê, não sei o quê. E, tipo, tem muita gente assim, que, bom, na minha concepção é negro, mas não coloca. Parece que tem medo de colocar, assim. Coloca pardo, coloca outra coisa, assim, mas não assume, sabe? Acho que se eles se assumissem, assim, seriam muito mais respeitados, sabe? Porque eu acho que isso também não é só o negro, é muita coisa. É você ser pobre, você ser gordo, você, enfim...

Quando você se assume, as pessoas te respeitam. Só que se você cede a esse preconceito... aí, sabe, não vai acabar. Aí se enraíza mais ainda. (Ana Paula)

Embora seja tão difícil identificar quem é ou não negro, Ana Paula sabe rapidamente identificá-los e acusá-los de racismo quando não se “assumem”. Em sua lógica, eles seriam respeitados caso se assumissem. E são responsabilizados pela perpetuação do preconceito, porque “cedem” ao preconceito, e este se “enraíza” ainda mais. É evidente a culpabilização do negro pelo racismo. Entretanto, após apontar o comodismo dos negros, Ana Paula é questionada sobre o porquê dessa situação, ao que ela responde:

Ah, por causa dos padrões, né, que a sociedade impõe, assim, entre aspas. Tipo, aquela coisa que a mulher tem que ser magra, de cabelo liso, loira e não sei o quê. Daí, vem aquela onda de chapinha (risos), água oxigenada, assim, né? Isso não é nem só os negros, é todo mundo. Tipo, a gente acaba... por mais que a gente tente lutar contra, a gente acaba cedendo alguma coisa, porque a gente quer ser aceito, ninguém quer viver sozinho, quer viver isolado, né? A gente quer se enquadrar nos padrões. Só que, às vezes, se a gente é diferente, né? Então, aí, a gente não está nos padrões, aí, pra gente se enquadrar, você começa a perder a identidade. E a partir daí, eu não concordo. Eu acho que você tem que se enquadrar até certo ponto, naquilo que é comum a todo mundo. Agora, eu tenho a minha particularidade, eu não posso abrir mão dela pra me enquadrar no que você pensa, entendeu? Então, acho que muita gente faz isso, inclusive os negros, né? (Ana Paula)

A menção aos padrões sociais se deu após a pergunta sobre o porquê dos negros pintarem o cabelo de loiro ou fazerem chapinha, que ela citou. Mas a percepção da influência dos padrões tem um limite. Para Ana Paula, a submissão ao padrão social deve estar restrita aos que já estão dentro dele. Existe o padrão e a pressão para que as pessoas entrem nesse padrão, porém, para aquele que é diferente o padrão não serve, e quem insiste “se esvazia”. Ou seja, o padrão deve homogeneizar aqueles que já estão na norma, ou próximo dela. No caso, os brancos. Os negros não têm que tentar se aproximar da norma, ou tentar ser aceitos. Ela diz que todos querem ser aceitos porque ninguém quer ficar isolado. Mas essa realidade não serve para os negros. Eles são a exceção e devem se conformar com isso. A submissão ao padrão significa a perda da identidade. E ainda que, antes ela tenha dito que todo mundo quer ser aceito, fica na sua fala a ideia de que o negro deve ficar imune ao padrão.

Ana Paula, como branca, sente-se autorizada para questionar sobre quem é negro e quem não é. De alguma forma, pode-se dizer que, para debater o tema, o racismo é minimizado pela fala de mistura entre grupos que não permite a identificação do negro. No entanto, para acusar o negro de racista, é fácil definir quem é ou não o negro. Quando convém, o argumento vem da biologia: não existe o negro porque o brasileiro é mestiço; quando se trata de olhar para o negro, o argumento vem da psicologia: falta autoaceitação.

Vale lembrar que o mestiço é, frequentemente, tomado como símbolo do nosso antirracismo e ausência de qualquer discriminação quando, na verdade, um olhar histórico evidencia que os primeiros mestiços formam o... “[...] símbolo eloqüente da exploração sexual da mulher escravizada pelo senhor branco.” (Munanga, 2004a:31), pois a existência de intercuro sexual entre portugueses e mulheres negras, índias e mestiças não são significativos nem da ausência de violência nem de qualquer igualdade racial.

A ideia e a realidade do mestiço na representação nacional do brasileiro é profundamente complexa. De um lado, o mestiço representa a mobilização social: ele é aceito socialmente, como quase branco e com possibilidades de se tornar branco conforme seu sucesso. Por outro, ele é a contradição explícita das relações entre brancos e negros, pois é a lembrança do passado de derrota (somos conquistados, explorados) e vitória (somos conquistadores).

Mas o que é ser mestiço? Há povos ou raças puras? Segundo Munanga (2004b), as populações do planeta só escapam da mestiçagem por tempo limitado. Com isso, podemos pensar que todos os povos são, de alguma forma, mestiços. É importante notar que até os grupos de pessoas chamadas brancas, com ascendência europeia, também são frutos de diversas misturas entre povos.¹¹ No entanto, o argumento da mestiçagem é utilizado pelos entrevistados de uma forma específica: há um apagamento do racismo contra negros, já que o negro nem existe, o que existe é o mestiço. Também Luíza¹² parte da miscigenação brasileira, para falar dos negros:

Eu acho que a pessoa que falou isso: “Ah, porque elas são pobres” considera que a maior parte dos pobres é negra, que a grande parte da pobreza é negra. O que eu não concordo, se você já entrou em uma favela, você já viu que não é assim. Tem pessoas de toda cor, especialmente... o meio-termo: não é nem branco, nem negro. É um moreno geral. Então, o pobre não é preto. O pobre, ele é pardo, ele é misturado... ele é brasileiro. Sabe aquela coisa de miscigenação, de diversas raças? O pobre... o brasileiro é pobre. Não é... não dá para você identificar: ele é descendente de fulano. A não ser, eu acho, que o índio que aparenta mais, por causa do olhinho que é meio puxado e tal... mas é difícil. Se você caminhar assim num bairro pobre, não precisa nem ser favela, você vai ver que é difícil você encontrar ou, um negro, negro, escuro mesmo ou um branco, branco, loirinho de olho azul, pra ficar nas manchetes: loirinho de olho azul. O mestiço... eu acho que é mais o moreno mesmo que é o pobre. (Luíza)

Sob o título de “moreno”, vemos a discussão de preconceito racial diluída. Segundo Luíza, o brasileiro é pobre, e o pobre é moreno. Nessa lógica não cabe falar de negro nem discutir o racismo, o discurso de miscigenação e pobreza o dilui. Para Luíza, cabe falar de racismo quando se olha individualmente para as situações, como no exemplo de uma mãe e uma filha, que ela traz:

Eu acho que... eu conheço pessoas... aliás, é uma mãe e filha. A mãe é negra, a filha é mulata. A filha sente discriminação, assim, muito. A mãe, não. E nessa família específica, parece que, por conta de uma sensação da filha, ela tem baixa autoestima, isso afeta a vida dela em todos os sentidos. É muito amplo o que ela sente. Ela começou a engordar. Ela teve vários problemas mais... e eu acredito que seja por conta disso. É um chute meu, pessoa leiga falando, aparentemente, é isso. E a mãe dela, ela fala assim: “Eu não acredito que a minha filha se prenda tanto a questão de cor da pele”. Ela falou... ela falava: “Eu sou mais preta...”. Ela fala isso, ela é negra: “Eu sou mais preta que ela e eu não sinto isso”. Então, eu acho que tem uma questão pessoal também, de você ter uma autoestima elevada e saber o seu valor. Porque, geralmente, quando a pessoa sente isso, ela tem uma baixa autoestima porque ela... ela está achando que a cor da pele aumenta

¹¹ Ver Poliakov (1974).

¹² Luíza se identificou como branca e tinha 28 anos no momento da entrevista.

ou diminui o valor e acho que isso pesa... deve ser levado em conta. Embora existam muitas pessoas que pensam isso... Então, se fosse uma resposta sim ou não: existe racismo no Brasil? Existe. Mas ele não é tão forte como nos Estados Unidos, por exemplo. (Luíza)

O exemplo da mãe e filha que conhece é emblemático de sua opinião de que o racismo é um problema pessoal e psicológico e não se trata, então, de uma questão social. Cabe ao negro se adaptar, ter uma alta autoestima, saber seu valor. Cabe ao negro não transformar o racismo em problema pessoal porque, para Luíza, racismo mesmo é o que acontece nos Estados Unidos.

Raça e Classe (Ou Racistas São as Cotas)

As relações entre racismo e classe social foram abordadas, principalmente, quando o tema era cotas. A situação 1 do roteiro de entrevista questiona esse ponto. Todos os participantes foram unânimes em se posicionarem contra as cotas. Foi comum também a abordagem do tema, sem conhecimento deste. Alguns entrevistados falaram das cotas, antes da pergunta sobre o tema. Isso porque discutir racismo parece despertar as opiniões contrárias às cotas. Mariana¹³ explica seu posicionamento:

Então, é isso que eu falo, as coisas começam de baixo, porque o mundo não funciona em cotas, entendeu? Tipo, olha você é negro, mas você é VIP no avião, então você vai ter essa cadeira. Você é negro, então você é VIP no trabalho, você vai entrar em um emprego que já é seu. Não existe isso no mundo, entendeu? Eu acho que é muito falso. É muito... são umas coisas que são imediatistas, assim, eu acho ainda que é ensino básico, acho que ensino básico é tudo. [...] Começa por aí, então, eu acho que a... eu sou a favor da oportunidade... se todos... de todos terem oportunidades iguais, de poderem estudar e concorrerem igual. E não ficar botando band-aid em cima das feridas. Eu acho... eu sou super contra, entendeu? Eu acho que é capacitar todo mundo para... oh, está aqui, todo mundo tem direito de estudar, os livros estão aqui, as matérias estão aqui, tem reforço para quem quiser ir atrás. Tem gente que não se interessa, entendeu? Tem gente que se interessa. Os interessados vão atrás. (Mariana)

Mariana acredita que a política de cotas para negros seja falsa, imediatista e a compara com um “band-aid” em cima da ferida. Ela marca o fato de algumas pessoas não se interessarem para dizer que aqueles que são interessados “vão atrás”. Também Isabele¹⁴ fala do tema espontaneamente, ao argumentar sobre o preconceito “sociocultural e econômico” como mais “complicado” que o racismo:

Eu acho que a questão é um pouco mais complicada do que falar em racismo. Eu acho que existe todo um preconceito, na verdade, sociocultural e econômico. Tanto que, independente da etnia da pessoa, se a pessoa aparece dirigindo um carro, sei lá, extremamente caro, de mais de 200, 300 mil reais, ela é tratada de uma forma. E se essa pessoa sai de um ônibus, ela é tratada de outra. Então, eu acho que a questão não é nem

¹³ Mariana se identificou como morena e tinha 23 anos no momento da entrevista.

¹⁴ Isabele se identificou como amarela e tinha 18 anos no momento da entrevista.

uma coisa assim tão racista. Eu acho que é um pouco maior, assim. Não sei, eu vejo que essa questão socioeconômica é bem incrustada no Brasil. Mas existe também essa questão de bagagem escravista também. As pessoas sempre levam em consideração isso. Só que eu acho que... eu não acho que... por exemplo, as medidas feitas hoje, como cotas universitárias, sejam a solução. Eu acho que a questão é um pouquinho mais... fica num âmbito um pouco maior, da sociedade, você... por exemplo, tem que ter um investimento na escola. Antes de chegar e tapar o buraco aqui, na hora que chega na universidade. Se você investe desde o começo, todo mundo tem condição de chegar, porque ninguém é melhor que ninguém, ninguém é pior que ninguém. (Isabele)

Na fala de Isabele, parece que o racismo é visto como um problema mais superficial e o preconceito de classe, sim, é a grande questão. Ela percebe isso no tratamento diferenciado que se dá às pessoas que estejam em um carro caro. Nesse sentido, as cotas não são a solução. Para ela, é como “tapar o buraco”, e com uma fala universalista, ela afirma a igualdade entre as pessoas, ao final desse trecho, que é incompatível com a diferenciação proposta pelas ações afirmativas. Em seguida, ela dá mais elementos sobre o que pensa do tema:

Não é porque a pessoa foi para uma escola e não teve condição que ela é desprovida de inteligência para poder passar no curso que outra pessoa é mais inteligente pra passar. Acho que o preconceito entra um pouco aí, na verdade, também. Porque eu, por exemplo, não gostaria de falarem assim, de falar assim pra mim: bom, então, você tem 50% oriental, 50% europeu, então, você se encaixa nesse perfil, então, você pode entrar nesse curso, porque a gente vai te dar um ponto. Eu não gostaria. Se eu fosse descendente de negro ou índio, eu não sei assim o que eu acharia... Mesmo o meu amigo, que ele é... que o pai dele é negro, a mãe dele é branca, ele faz UNESP, ele entrou com uma colocação, uma das melhores, ele não precisou, então eu acho... Ele mesmo era contra. Então, eu acho que a pessoa tem... que partir dela mesma, essa concepção de, eu sou capaz e a sociedade tem que ver que realmente é capaz. (Isabele)

Isabele acredita que a lógica das cotas refere-se ao negro como “desprovido de inteligência”, o que mostra claramente seu pouco conhecimento do tema. E termina dando exemplo de si mesma e do amigo mestiço que não querem nem precisam das cotas. A entrevistada conclui como argumento contra as cotas que deve “partir” do próprio aluno provar sua capacidade à sociedade. Assim, Isabele, embora tenha afirmado que exista racismo no Brasil, mostra sua pouca percepção da discriminação racial. Cabe ao negro provar que é capaz, independentemente do mundo que o cerca permitir isso ou não. Mais uma vez o “dedo” é apontado para o negro, pois a ele cabe a responsabilidade de transformar sua situação.

Todos os outros entrevistados qualificaram as cotas de várias formas negativas, como a chamá-las de racistas e preconceituosas por sua possível visão do negro como “hipossuficiente”, “menos capaz” ou “desprovido de inteligência”. As cotas foram chamadas também de medidas que “tapam o buraco” e “mascaram” os verdadeiros problemas da escola pública. Alguns entrevistados foram contra qualquer tipo de cota, outros são a favor da “cota social”, ou seja, que considere o fator socioeconômico do aluno. Os argumentos que justificam o posicionamento contrário às cotas variam entre uma fala universalista e antirracista, que pressupõe a igualdade entre todos e um discurso que aponta para o negro a responsabilidade em se mostrar capaz e esforçado.

É evidente que o mero posicionamento contrário a essa política pública não é, em si, racista. No entanto, a análise dos argumentos que embasam tal disposição traz elementos que, analisados conjuntamente com outras falas, consideradas por nós, racistas, denunciam, no mínimo, a pouca disponibilidade em considerar o tema como algo importante para a discussão da superação do racismo no Brasil. Por um lado, os alunos não têm informações sobre o tema, mesmo que essas discussões estejam sendo feitas na própria faculdade que frequentam. A fala dos alunos parece-nos como repetição dos discursos presentes nos meios de comunicação em massa, e que por sua vez, não oferecem a informação detalhada sobre as cotas, e tampouco apresentam por meio destes, os indicadores raciais de forma consistente, a considerar as coerências e incoerências dos dois posicionamentos à proposta. Entretanto, ainda que com quase nenhuma informação, os entrevistados não se esquivaram do posicionamento contrário.

É comum relacionar o racismo com a hierarquia denunciada na divisão de classes sociais. Em uma leitura marxista, segundo Munanga (1998), raça é entendida como justificativa para a dominação e exploração. Nessa lógica, em uma sociedade não capitalista, não haveria espaço para o racismo. Isto é, a questão não é de discriminação racial ou luta contra o racismo, mas a luta de classes. O racismo seria uma mera desculpa para discriminar alguém de classe inferior. E toda e qualquer discussão que se alongue mais em falar de raça do que em classe é inútil por não chegar ao cerne da questão, tal como aponta Isabelle.

Entretanto, a crítica apresentada por Munanga (1998) a esse raciocínio é de que o racismo não pode ser subsumido ao preconceito de classe, pois também países como União Soviética, Cuba etc. têm sérios problemas de ordem racial. Por outro lado, se admitirmos que de fato não tenha existido no mundo uma sociedade realmente igualitária, então não há como comprovar que sem relação de exploração a raça seja desnecessária.

Horkheimer e Adorno (1969/1986) também entendem que a exploração de uma classe sobre outra é uma forma de dominação que persiste mesmo quando tal exploração não é mais necessária. Isso quer dizer que existe algo na forma como os homens se constituem baseado na dominação e no poder que vai além das relações de classe.

Pseudoneutralidade (Ou Eu Não Sou Racista)

Pseudoneutralidade é aqui entendida como a identificação de uma fala com intenção antirracista, muitas vezes, indiferente à questão racial, mas que é denunciada como falsa por alguma contradição apresentada pelo entrevistado, juntamente com essa fala antirracista ou em algum outro momento da entrevista. Isabelle, por exemplo, fala de uma forma neutra sobre sua experiência com os negros:

[Primeira coisa que eu vou te perguntar: da sua experiência de vida, como foi a sua experiência com as pessoas negras?] *Não, eu sempre tive uma experiência assim, é... eu lembro de colegas na escola, assim, pessoas que trabalhavam próximas ou moravam próximas, assim, então, sempre tive uma experiência normal assim, nada... nem muito: "nós temos que ser solidários" nem, também, preconceituosos. Assim, sempre foi uma experiência normal.* (Isabelle)

Essa ponderação dos dois lados possíveis – colocados como extremos – evidencia um meio termo neutro, que não se posiciona e se mostra indiferente. Nessa mesma lógica, ela dá porcentagem de alunos representantes das “etnias”, em sua sala de aula:

[E tinha quantos alunos?] *Nossa, uns 40 por sala. [Quantos eram negros?] Era uma porcentagem bem pequena. Eu acho que da minha sala, três morenos, assim, mais misturados... não me lembro muito... Mas era uma porcentagem considerável, acho que... porque aí é que está, das etnias, tinha uma porcentagem também... a mesma porcentagem de orientais, a mesma porcentagem de descendentes de alemães, de italianos. Era tudo muito misturado. Era uma porcentagem considerável de cada etnia, de cada tipo étnico, mesmo.* (Isabele)

A neutralidade de Isabele a impede de perceber que 3 alunos “morenos” em uma sala com 40, em uma cidade como São Paulo, não é uma porcentagem considerável em se comparando com a porcentagem da população negra na cidade¹⁵. Também Rodrigo¹⁶ apresenta uma aparente neutralidade, porque no início da entrevista, ele diz não pensar muito no tema:

[Bom, Rodrigo, você se lembra do questionário?] *Lembro, lembro. [É? E o que que você achou?] Eu achei bem legal. Mas, assim, eu nunca tinha pensado nessas coisas, né... nesses... Pra mim, não tem problema nenhum, né? Então, eu nunca tinha pensado nisso... a fundo mesmo. [E da sua experiência de vida, como que foi sua relação com os negros?] Sempre tive relação boa. Inclusive, eu... faz 10, 12 anos que eu joga beisebol, e tinha um time de Pirituba para criança carente, né. O time acabou, deu uns problemas lá e aí, e os jogadores do time foram para os outros times de São Paulo e três deles vieram para o time que eu jogava. E os três eram negros e moravam em COHAB e tudo o mais e eram grandes amigos nossos... eu sempre tive relação mesmo...* (Rodrigo)

Porém, ao comentar a pobreza dos negros apresentada na situação 4, ele fala de um mal estar:

É. Esse é um negócio que eu me sinto mal. Me sinto mal mesmo... a minha empregada, ela é negra. Mas ela é como se fosse uma segunda mãe pra mim, porque eu tenho quase 21 anos e faz quase 21 anos que ela trabalha pra gente. Então, a minha relação com ela é como se ela fosse uma mãe pra mim. E, às vezes, eu fico... Eu não me sinto confortável... por exemplo, eu chamo ela de Bê, porque o nome dela é Berenice. Às vezes, eu estou falando com os amigos e eles perguntam: “Ah, quem que fez isso, esse bolo?”. E eu falo: “Foi a Bê.” E eles perguntam: “Quem é a Bê?” e eu fico... eu não acho... certo dizer: “Ah, é a empregada.” Então, eu digo: “É a minha amiga. É a minha amiga.” E... porque eu acho assim... só porque ela é negra, ela vai trabalhar com isso? Eu não acho isso certo. Eu não acho isso certo. E isso também vem de problemas anteriores, dos negros serem discriminados, e isso acaba... isso acarretando hoje, deles serem os pobres. Então, mas eu não me sinto confortável com isso, não me sinto mesmo. (Rodrigo)

¹⁵ Mais de 40% da população da grande São Paulo é negra – pretos e pardos. Fonte: <www.seade.gov.br/produtos/idr>.

¹⁶ Rodrigo se identificou como pardo e tinha 20 anos no momento da entrevista.

O fato de ter uma empregada doméstica negra, com quem tem uma relação afetiva forte, o constrange. Ele sente-se mal por ela ser negra e ser sua empregada. Esse desconforto sentido dentro de sua própria casa parece contraditório à fala inicial de não pensar no assunto. No entanto, mais para o fim da entrevista, depois de relatar o racismo do avô, a sua ascendência negra e a situação discriminatória no ônibus, Rodrigo diz que não pensa muito no assunto e questiona as expressões negativas relacionadas à palavra “negro”:

Eu, assim, eu não penso muito no assunto, porque pra mim é indiferente se a pessoa é negra, se a pessoa é branca. O que importa pra mim é as atitudes dela, o que ela faz, isso que é a pessoa... Eu, até queria falar, por que que o negro que é o ruim? Por que que, às vezes, você fala... por que que o mercado negro que é o mercado ruim, né? Por que que tudo que tem a ver com preto é ruim? E com canhoto, também. Se você perceber, como que acha a disciplina? Direito. Você está fazendo a coisa direito. [Sinistro, também, né...] Sinistro, em italiano. Em espanhol, é surdo. Então, mesmo com o canhoto, é mal-visto. E eu queria saber por quê. E por que que o negro é ruim, por que que é mercado negro e essas coisas... Eu não entendo. (Rodrigo)

Isso quer dizer que notar o racismo alheio ou sentir-se desconfortável com a pobreza dos negros passa a ser uma reflexão que vem de fora. Ele, como a grande maioria dos entrevistados, esforça-se para não se mostrar racista e dizer que, para ele, tanto faz a cor da pele. A questão é que esse esforço em não parecer racista pode impedi-lo de refletir mais profundamente sobre o tema que está presente dentro de sua própria casa, seja pelas falas racistas de seu avô, seja pelo sentimento de desconforto com a empregada negra. O problema do discurso neutro é que ele ignora o racismo existente, dado a sua frequente sutileza. Ignorando o racismo, a tendência é a insensibilidade e a omissão. É essa indiferença juntamente com a ausência do conflito direto organizado que parece alimentar a ideia central do mito da democracia racial. Talvez seja essa lógica que embasa a argumentação da torcedora de um time de futebol que chamou um jogador de macaco e depois afirmou não ser racista¹⁷.

Admissão do Próprio Racismo (Ou Eu Sou Racista)

De todos os 11 entrevistados, apenas dois assumiram seu próprio racismo. Gisele faz essa assunção mais brevemente e a relaciona com o medo de ser assaltada por um negro:

É, essa relação... por ter sido criada por policial, né, por PM, então, você sempre fica com aquela imagem de que o negro é o ladrão que vem te assaltar... então, se você está na rua e você vê uma pessoa negra, um homem, né, principalmente... é, à noite, você já olha né, com medo... já fica esperando que a pessoa vai te assaltar e enfim... sempre foi passada essa imagem pra mim, lá em casa. E acho que até hoje, eu ainda penso assim, um pouco. Você fica esperando uma coisa ruim... também por ser negro, sabe? Eu acho que isso já... não sei... se eu vejo um branco e eu vejo um negro, eu já fico sempre esperando... o negro, eu acho que ele vai me assaltar. Eu acho que é isso. Então, esse

¹⁷ <<http://globoesporte.globo.com/rs/noticia/2014/09/torcedora-que-ofendeu-aranha-quebra-silencio-e-fala-imprensa.html>>.

negócio que todo mundo fala que não é racista, eu tenho amigos negros, mas... eu acho que essa visão... à noite, negro, assalto... vem muito lá da minha infância e acho que isso pra sair, vai demorar muito [risos]. Eu acho que isso ficou, daquele tempo, assim, não sei... Mas, isso, lá em casa, é assim. E a gente é de P¹⁸, e interior é mais conservador. E esses preconceitos são mais fortes, eu acho, do que aqui, que é tudo mais misturado. Acho que é isso. (Gisele)

Gisele relaciona a imagem de assaltante do negro com o fato de ser filha de policial. No começo da entrevista, como já discutido na categoria “Brincadeiras racistas (ou racista é o outro – um outro próximo)”, ela relata as frases racistas do seu pai, em tom de piada. Ela denuncia a mentira existente nas frases do tipo: “eu não sou racista, tenho amigos negros...”. Em outro momento da entrevista ela disse que seus melhores amigos são negros. Mas tal proximidade não é suficiente para mudar a imagem negativa do negro. E ela diz que “vai demorar muito” para sair tal imagem.

Júlio¹⁹ compartilha, no decorrer da entrevista, várias reflexões que tem feito sobre o tema racismo, notando seu próprio preconceito:

Quando a gente fala de uma pessoa negra, achar que ela é menos capaz né... Isso... me autoobservando, eu percebo que existe isso, de alguma forma, que ela está se acabando agora, assim, com muito esforço de observação, porque, puxa, como é interessante, existe esse preconceito sim, meu. Eu olho, é inconsciente também, tanto que depois, eu conversando comigo mesmo, falo: meu, não tem nada a ver uma coisa com a outra. E também, defender o contrário, é também, absurdo. Mas eu tenho observado assim que, quando eu... eu dando aula, por exemplo, eu tenho uns alunos... mais brancos e uns alunos mais negros, né? A primeira impressão, sem conversar, é preconceituosa de que: ah, os branquinhos vão detonar. Mas depois, eu tenho que ligar o sistema mais inteligente da minha cabeça e pensar: meu, uma coisa não está ligada à outra e... definitivamente, não, e por experiência própria. E essa experiência, ela está demorando para bater lá na cabeça e falar: oh, limpa isso aí. (Júlio)

Júlio relata a “primeira impressão” que tem diante de alunos “mais brancos” e alunos “mais negros”: os “branquinhos” serão melhores. Depois, em um esforço para perceber e lutar contra seu próprio preconceito, ele diz sobre usar sua própria inteligência e superar tal preconceito. Mais pra frente, Júlio dá mais um exemplo em que ele nota seu próprio racismo:

A hesitação... eu dei o exemplo do ônibus, a hesitação em ceder o lugar pra pessoa negra. Ou o contrário, também, revela o... revela o preconceito. Por exemplo, entrou uma mulher negra, velhinha pra caramba, cheirando xixi, dentro do ônibus. Ontem, entrou um homem, assim. Mas, imagine eu... dividindo as situações, né, exageradas: ou eu vou ficar sentado, ou eu vou mesmo ceder o lugar... eu vou logo ceder o lugar para mostrar para todo mundo que eu não sou preconceituoso. Então, as duas revelam o preconceito. Sem julgamento, isso é algo que eu sinto acontecer comigo. (Júlio)

Neste caso, a hesitação de Júlio em qual atitude tomar mostra uma prisão em duas ações opostas, mas ambas preconceituosas, como ele mesmo admite. De um lado está a

¹⁸ Cidade no interior do Estado de São Paulo.

¹⁹ Júlio se identificou como branco e tinha 43 anos no momento da entrevista.

possibilidade de se mostrar preconceituoso, de outro, está a necessidade de mostrar aos outros que não tem preconceito – o que não elimina o preconceito. Júlio, durante toda a entrevista, parece ter uma grande disposição em não ser mais racista. E tem a coragem de olhar para si mesmo para perceber quando é racista. Esse é um passo importante na luta contra o racismo: a coragem de admiti-lo.

Essa foi a única categoria em que a análise das entrevistas permitiu ir além da denúncia do racismo, para analisar de fato o preconceito assumido contra negros. Para entender o preconceito, utilizaremos as reflexões de Crochík (2006), Horkheimer e Adorno (1969/1986).

As ideias pré-concebidas ou pré-conceitos fazem parte da relação do homem com o mundo. Isso significa dizer que o conhecimento não seria possível sem alguma informação anterior sobre o objeto que se pretende conhecer porque é necessário algum ponto de partida para a relação com ele. Assim, a relação sujeito-objeto no momento do conhecimento envolve um caminho duplo: o sujeito parte de algo conhecido para começar a entender o objeto desconhecido e o objeto deixa alguma marca nova no sujeito, permitindo que algo novo seja acrescentado a ele. Essa dinâmica ideal não diz respeito aos preconceitos. Mas quando, por um lado, o sujeito se fecha para conhecer o objeto, preso unicamente aos seus conhecimentos prévios, ou quando, por outro lado, o sujeito se abre exageradamente ao objeto, sem sobre ele refletir a partir das suas próprias opiniões, temos então a dinâmica do preconceito (Crochík, 2006). Enfim, podemos falar em preconceito quando a relação sujeito-objeto não se refere mais a um processo contínuo de troca mútua.

Se o preconceito tem sua origem no fechamento à experiência, esta poderia ser, então, um antídoto contra aquele. Mas o próprio entrevistado Júlio nos mostra que não se trata de uma solução simples e direta. Sobre isso, Horkheimer e Adorno (1969/1986: 165) dizem: “[...] *ficou provado que as chances do anti-semitismo são tão grandes nas regiões sem judeus como até mesmo em Hollywood*”. Isso porque existem mais razões no preconceituoso do que no seu alvo para a cristalização da relação que não permite a experiência e a identificação com o outro.

A possibilidade de experienciar e de se abrir para o outro envolve relativizar o previamente pensado. Ou seja, aquilo que já era esperado pelo sujeito na sua relação com o outro deve ser de alguma forma transformado pelo que o objeto traz de seu. Entretanto, a possibilidade da experiência no capitalismo tardio é cada vez menor. Isso quer dizer que toda a distinção feita até aqui entre pessoas preconceituosas e não preconceituosas tem mais um objetivo didático do que de polarização de dois tipos idealizados. Nesse sentido, só se pode compreender o preconceito, na interface entre indivíduo e cultura.

A partir de todas essas discussões, percebemos que a lógica do preconceito não é simplesmente racional. O que equivale a dizer que somente as ações informativas não são suficientes para combatê-lo. Com a divulgação cada vez mais forte dos valores democráticos, em que se diz que todas as pessoas são iguais e se valoriza o respeito à diferença, o racista sabe que qualquer sentimento discriminatório contra qualquer grupo é mal-visto socialmente. Ao admitirmos a irracionalidade do preconceito, podemos nos perguntar sobre a possibilidade de estudá-lo por meio racionais. Pressupomos, entretanto, que:

[...] se o preconceito é algo irracional, a forma de expressá-lo nem sempre o é, e, assim, devemos nos ater, inicialmente, tanto às explicações psicanalíticas sobre as modificações a que todos os indivíduos devem se submeter para poder pensar, quanto ao invólucro pretensamente racional que os preconceituosos dão às suas teses. (Crochík, 2006:30)

É esse invólucro racional que buscamos estudar nas entrevistas realizadas. Nossa análise centrou-se não apenas nas lógicas racionais da fala desses sujeitos, mas também nas brechas irracionais que nos ajudaram a pensar a forma como internamente se organiza a apreensão dos discursos racistas e antirracistas presentes na cultura.

Considerações Finais

Vale lembrar que as relações raciais no Brasil são complexas e envolvem vários aspectos, de modo a ser difícil contemplá-los em um artigo. Questões históricas, sociais, culturais, políticas e psicológicas nos acompanham de modo a configurar realidades diferenciadas ao longo do país. Assim, nossas considerações são restritas à realidade que pudemos observar por meio das falas dos entrevistados em uma amostra limitada de estudantes universitários moradores da cidade de São Paulo, em um determinado momento histórico.

Concluimos por meio dessas falas que o racismo no Brasil é velado e presente, ao mesmo tempo. Todos os alunos entrevistados afirmam que existe racismo no país. Porém, só dois deles se assumiram racistas. Ninguém quer o título de racista. No decorrer das entrevistas, os mesmos sujeitos que em um momento diziam que a culpa era da sociedade e da escravidão, apresentavam posteriormente, falas consideradas por nós, como racistas. Neste sentido, a ambiguidade e fragmentação das falas dos sujeitos pareceram algo muito relevante para a compreensão de como se mantém o racismo na sociedade brasileira. A ambiguidade aparece como artifício fundamental para que os sujeitos mantenham os privilégios, eximindo-se da responsabilidade moral.

Nossas leituras e reflexões sobre o tema do preconceito por meio das obras de Horkheimer e Adorno (1969/1986) e Crochik (2006) nos levam a crer que existem aspectos racionais e irracionais que compõem o preconceito. A consciência de que o racismo existe e que faz parte do nosso cotidiano tem estado cada vez mais próximo de todos, porque tem sido mais debatido na mídia, nas escolas, universidades e assim por diante. Entretanto, abordar mais o tema não significa automaticamente que ele está bem resolvido. O racismo é visto como algo negativo há tempos. No entanto, ele persiste por uma série de questões. Podemos pensar, assim, que há uma série de “subterfúgios” que abrigam o racismo dentro de nós, por meio de argumentos racionais e irracionais. A elaboração das categorias na análise das entrevistas permitiu que nos aproximássemos de tais argumentos.

De início, vale ressaltar que esperávamos encontrar falas racistas e não racistas por parte dos entrevistados. No entanto, as falas não racistas foram tão poucas que não foi possível elaborar uma categoria para elas. A análise total de cada entrevista nos mostrou que algumas falas não racistas poderiam ser classificadas como um “discurso politicamente correto” e, foram, então, apresentadas na categoria referente à “pseudoneutralidade”, que confrontou tentativas de parecer neutro em relação ao racismo e falas dos mesmos entrevistados que denunciavam essa tentativa como falsa. Outras falas que poderia ser classificadas como não racistas eram no sentido de denunciar o racismo notado nos outros e foram analisadas na categoria referente a percepção do racismo.

Notamos uma tensão constante na fala dos entrevistados entre constatar o racismo, ser conivente, ter proximidade com negros, se sentir racista, não se sentir racista e assim por diante. Percebemos um jogo entre não querer ser visto como racista e realmente não querer ser. Das seis categorias criadas, cinco delas, onde esteve grande parte da fala dos

entrevistados são acusações de racismo para outra pessoa ou afirmações que visem à autodefesa da acusação de racista. Julgando o outro como racista, ou tentando disfarçar o próprio racismo, dificilmente avançamos na discussão. Na última categoria, em que se assume o racismo está, nos parece, algum caminho de mudança do quadro atual. A coragem em assumir o próprio racismo leva à reflexão e à constatação de sentimentos racistas em diferentes momentos. Isso não quer dizer que tal processo seja simples. Ao contrário, estamos tão acostumados a ver o negro como inferior, que precisaremos de tempo para superar essa desumanidade.

Além disso, foi uma constância na fala dos entrevistados a acusação do negro como responsável pelo racismo ou, no mínimo, a ênfase no esforço do negro como a chave para a solução da discriminação e preconceito. “Apontar o dedo” para o negro como o único responsável pelo racismo é se ausentar da reflexão e responsabilização da contínua discriminação racial a que este grupo está submetido, cotidianamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barreto, Paula Cristina da Silva. (2008). *Múltiplas vozes: racismo e anti-racismo na perspectiva dos universitários de São Paulo*. Salvador: EDUFBA.
- Crochík, José Leon. (2006). *Preconceito: indivíduo e cultura* (3ª ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Espelt, Esteve., Javaloy, Federico., & Cornejo, José Manuel. (2006, junho). Las escalas de prejuicio manifiesto y sutil: ¿una o dos dimensiones? *Anales de Psicología*, 22(1), 81-88.
- Galeão-Silva, Luís Guilherme. (2007). *Adesão ao fascismo e preconceito contra negros: um estudo com universitários na cidade de São Paulo*. Tese de doutorado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Guimarães, Antônio Sérgio Alfredo. (2002). *Classes, raças e democracia*. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, Ed. 34.
- Guimarães, Antônio Sérgio Alfredo. (2003, janeiro-julho). Como trabalhar com “raça” em sociologia. *Educação e pesquisa (São Paulo)*, 29(1), 93-107.
- Horkheimer, Max., & Adorno, Theodor W. (1969/1986) *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lima, Marcus Eugênio Oliveira., & Vala, Jorge. (2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9(3), 401-411.
- Munanga, Kabengele. (1998). Teorias sobre o racismo. Em Carlos A. Hasenbalg., Kabengele Munanga., & Lilia Moritz Schwarcz. *Racismo: Perspectivas para um estudo contextualizado da sociedade brasileira*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense.
- Munanga, Kabengele. (2004a). Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Em André Augusto P. Brandão. *Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense.
- Munanga, Kabengele. (2004b). *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Pérez, Juan Antonio., & Dasi, Francisco. (1996). Nuevas formas de racismo. Em J. Francisco Morales., & Miguel Olza (Orgs.). *Psicología social y trabajo social* (pp. 202-223). Madrid: McGraw-Hill.
- Pettigrew, Thomas F., & Meertens, Roel. W. (1995). Subtle and blatant prejudice in Western Europe. *European Journal of Social Psychology*, 25, 57-75.
- Poliakov, Léon. (1974). *Mito ariano: ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos*. São Paulo: Perspectiva.
- Silva, Alessandro Soares da. (2012). A psicologia política no Brasil: lembranças e percursos sobre a constituição de um campo interdisciplinar. *Psicologia Política*, 12(25), 409-425.

- Recebido em 22/04/2013.
- Revisado em 16/06/2013.
- Revisado em 04/01/2014.
- Aceito em 11/03/2014.